



## ARTE VISIONÁRIA NOS QUADRINHOS: UM PROJETO

Matheus Moura  
FAV/UFG

### Resumo

A proposta é investigar a relação e produção de quadrinhos que se enquadrem na Arte Visionária - produtos artísticos realizados a partir de Estados Não-Ordinários de Consciência, como os alcançados por transe xamânico. Para tanto, haverá um levantamento bibliográfico sobre a produção de quadrinhos visionários no mundo, com ênfase no Brasil entre 1970 e 2015, além de analisar os processos criativos de alguns ícones dessa arte. Serão ainda discutidos conceitos como Xamanismo, Tecnologia Arcaica, Imersão, Expansão da Consciência, Self, Inconsciente Coletivo, dentre outros. A poética será feita por mim e, por fim, uma publicação impressa dedicada aos quadrinhos visionários.

**Palavras-chave:** processo criativo; histórias em quadrinhos; xamanismo; arte visionária

### Abstract

The purpose is a investigation about the relationship and production of comics that fall into the Visionary Art - artistic products made from Non Ordinary States of Consciousness, as achieved through shamanic trance. Therefore, there is a literature on the production of visionary comics in the world, with emphasis on Brazil, in addition to analyze the creative processes of some icons of this art. Will also be discussed concepts such as Shamanism, Archaic Technology, Immersion, Consciousness Expansion, Self, Collective Unconscious, among others. The poetic will be made by me. Finally, a printed publication dedicated to visionary comics.

**Keywords:** creative process; comics; shamanism; visionary art

### Arte Visionária e quadrinhos

O presente trabalho é um desdobramento e ampliação da pesquisa desenvolvida durante o mestrado em Arte e Cultura Visual no PPGACV-FAV/UFG, entre 2011 e 2013. Nela foram investigados os processos criativos de três autores de histórias em quadrinhos do gênero poético-filosófico: Antônio Amaral, Edgar Franco e Gazy Andraus. Cada um, a seu modo, cria histórias de maneira singular. Este escriba, também autor e editor de quadrinhos, participou, em produção conjunta com os investigados, na realização de sete HQs posteriormente publicadas na revista *Camiño di Rato* # 6 e que resultam como a poética da pesquisa.

Como proposta de criação para a investigação do doutorado a intenção é continuar a produzir quadrinhos, mas com o diferencial de trabalhar dentro do âmbito da Arte Visionária. Como Arte Visionária entende-se o que foi definido pelo artista Laurence Caruana, em 2001, no *Manifesto of Visionary Art*, sendo esta toda manifestação artística que busca retratar visões. Para José Eliézer Mikosz :

Arte Visionária busca, portanto, representar plasticamente experiências concretas de um universo invisível ao qual têm acesso o artista, o xamã, o místico e alguns outros. Mesmo em meio às intempestivas e inestimáveis agitações artísticas contemporâneas, a Arte Visionária encontra espaço privilegiado de expressão proveniente dos lados mais recônditos da condição e da natureza humana. (2009, s/p)



Não importa em qual linguagem das artes, seja música, pintura, teatro. Nas histórias em quadrinhos, assim como na história da arte – como é demonstrado por Mikosz (2009) – a representações de visões, independentemente do método para alcançá-las, tanto por meio de uso de psicotrópicos ou não, são realizadas há anos, ou melhor, milhares de anos. “Considerando-se a Arte Visionária como fruto de ‘visões interiores’, as imagens entópticas da Arte Rupestre se enquadram no visionário. O mesmo se pode dizer do Romantismo e do Simbolismo e, ainda, do Surrealismo” (MIKOSZ, 2009, s/p). Especificamente no que diz respeito aos quadrinhos, pode-se apontar como pioneiro nesse tipo de produção, o estadunidense, Robert Crumb e outros contemporâneos dele que surgiram durante o final da década de 1950 e se desenvolveram entre as duas décadas seguintes. Muitos deles embalados pelo espírito dos *beatniks e hippies* – como, por exemplo, os franceses Phillip Druillet e Moebius e os brasileiros Xalberto, Sérgio Macedo e Alain Voss, dentre outros. Caruana (2001), no mencionado manifesto, ao indicar os autores de quadrinhos relacionados à Arte Visionária diz:

In a similar vein, the popular art form of the American ‘comic book’ produced many unexpected visionaries, some more heroic - Frank Frazetta, Micheal Kaluta, Barry Windsor-Smith; and some more macabre - Berni Wrightson, Clive Barker. Parallel to this were the Underground comix of California, with their later expression in *Juxtapoz* magazine. In Europe, particularly in France, comics developed into the finer graphic illustrations of les Bandes Dessinées, with Moebius, Druillet, and others (CARUANA, 2001, s/p)

Percebe-se, então, que a variedade de estilo, temática e técnica são enormes, uma vez que os artistas mencionados são díspares uns dos outros. Mas foi apenas a partir da obra de Pablo Amaringo (1938-2009), publicada no livro *Ayahuasca Visions: The Religious Iconography of a Peruvian Shaman*, em 1991, que se definiu o que viria a ser a Arte Visionária. A partir da publicação desse livro, Amaringo passou a ser conhecido e reconhecido como artista espiritual e visionário propriamente dito a influenciar diversos outros visionários pelo mundo. A obra de Amaringo caracteriza-se pelas cores vivas e profusão de símbolos. De acordo com Mikosz (2009), quem já experimentou Ayahuasca<sup>1</sup> percebe nitidamente a influência visionária do trabalho, uma vez que ela relembra a experiência para o fruidor. No entanto, a ideia de Amaringo pintar suas visões não surgiu dele, mas do pesquisador Luis Eduardo Luna (1947–), que conheceu o artista numa expedição ao Peru, em conjunto com Dennis McKenna (1950–), no início dos anos de 1990 MIKOSZ, 2009, s/p.

<sup>1</sup> Chá indígena com propriedades psicoativas resultante da mistura de folhas com cipó nativos da floresta amazônica.



Ilustração 1: Pablo Amaringo - Ayari Warmi  
(The Elegant Garment of a Woman).  
Fonte: The Ayahuasca Visions of Pablo Amaringo, 2011

Dessa forma, a intenção é identificar aspectos da Arte Visionária em autores de quadrinhos independentemente da nacionalidade, mas com foco nas produções brasileiras entre 1970 a 2015. Como trabalho poético, visa-se a realização de HQs de cunho visionário. No âmbito acadêmico, pesquisas com foco na criatividade não são uma novidade. Porém, as que envolvem *Estados Não Ordinários de Consciência (ENOC)* geram certa resistência, muita das vezes por questões legais (como no caso do LSD após a proibição em 1967 nos EUA) ou mesmo por uma percepção errônea de que se trata de um estado mental patológico (CARNEIRO, 2005, p.57-60). Somente agora, na última década do século XXI, o tema passou a ser mais estudado. Muito disso devido ao pioneirismo de pesquisadores como o psiquiatra Stanislav Grof (1931-), o filósofo Aldous Huxley (1894-1963), o etnobotânico Terence McKenna (1946-2000), o pesquisador Gordon Wasson (1898-1986), o cientista Albert Hoffmann (1906-2008), o escritor William S. Burroughs (1914-1997) dentre outros, que durante décadas se dedicaram a perscrutar o inconsciente – muita das vezes vistos como párias entre seus pares.

A criatividade em si ganhou relevância ainda no século XVIII, em pleno Iluminismo, com a proliferação de estudos a respeito. Destaque para o filósofo Immanuel Kant (1724-1804), com a publicação de *Crítica do Juízo* (1790), em que reforça a ideia de criatividade e arte como frutos do “gênio” – ideia muito comum e propagada na época.



Mais tarde, após a academia aceitar a teoria darwiniana, alguns passaram a ligá-la ao âmbito fisiológico, como o biólogo Edmund Sinnott (1888-1968). Não tardou e novas teorias foram levantadas. Uma delas é a criatividade como força cósmica, desenvolvida por Alfred North Whitehead (1861-1947), que prevê a criatividade como cíclica, presa a um mundo que é uma entidade viva (KNELLER, 1978, p. 37) – ideia essa próxima do expresso pelos artistas visionários.

Por outro lado, aqui não há interesse em aprofundar nas nuances ou mesmo em cada uma das Teorias Psicológicas, ou não, já realizadas sobre criatividade. A proposta, no máximo, é de um levantamento bibliográfico acerca dos principais pensadores – sejam artistas, psicanalistas ou ambos –, que estudaram o assunto e suas contribuições para o entendimento do fenômeno criatividade. Faz-se necessário o entendimento de criatividade por esta estar ligada intimamente com o inconsciente do indivíduo criador, uma vez que, de acordo com Ostrower (1977), May (1982) e Kneller (1978), o que se cria surge de lá.

É importante ressaltar que o entendimento de “visões” para a Arte Visionária engloba os sonhos, desde que sejam “sonhos lúcidos”. Esses, caracterizam-se por quem sonha, tendo noção de se estar em um sonho e disso tomar proveito. Não basta sonhar e se inspirar no sonho para ser artista visionário. Há de se sonhar, interagir conscientemente com o sonho e retratar a experiência (CARUANA, 2001, s/p).

Em suma, como tema a proposta é: Processos Criativos e Arte Visionária nas histórias em quadrinhos. Isso implica estudar os processos criativos envolvidos na criação de tais histórias – sejam as produzidas por outros autores ou por mim mesmo – e identificar a arte visionária nos quadrinhos.

### **Bases teóricas**

Apesar dos quadrinhos serem uma arte nova, a ideia de unir imagens de maneira sequencial para formar narrativas remonta a era das cavernas com o homem “primitivo” já a desenhar nas paredes, o que hoje chama-se de pinturas rupestres (MCCLLOUD, 2005, p. 141). Como destacado anteriormente por Mikosz (2009) a respeito da arte rupestre, de acordo com o antropólogo sul-africano David Lewis-Williams (2005), parte desse tipo de registro imagético deriva de *Estados Não Ordinários de Consciência - ENOC*. Isso implica em dizer que o próprio surgimento da arte, e da imagem, está relacionado à ampliação das faculdades mentais.



O antropólogo Lewis-Williams (2005), atualmente, pode ser considerado como um dos principais pesquisadores dos *ENOC* e arte. É dele a teoria dos *ENOC* como mola propulsora da criatividade humana para a representação pictórica – o que, de acordo com ele, determina o surgimento da estética e da religião (mundo espiritual). Esse autor, e suas pesquisas sobre pinturas rupestres e origem da consciência, é fundamental para a presente proposta de trabalho por ter definido de maneira objetiva o modo como a mente funciona ao passar de um estado ordinário a um não ordinário de consciência.

Para que se entenda melhor esses estados mentais, o Lewis-Williams descreve, sucintamente, como a mente se trabalha quando induzida ao sono:

Primeiro, [entramos] na fantasia realista e estamos orientados a resolução de problemas. Podemos, por exemplo, repassar uma possível estratégia social que planejamos utilizar na próxima entrevista e avaliar possíveis resultados da mesma. Estas fantasias realistas passam a ser gradualmente fantasias mais autistas, ou seja, fantasias que têm menos pertinência para a realidade externa. No que Martindale chama de sono, nossos pensamentos estão muito menos dirigidos, e uma imagem vai a outra sem seguir uma sequência narrativa. Depois o sonho se funde com estados hipnagógicos que se dão a medida que dormimos. Em alguns casos as imagens hipnagógicas são extraordinariamente intensas, tão intensas que as pessoas experimentam o que se denomina de alucinações hipnagógicas: acordam e creem que suas imagens de, por exemplo, alguém entrando na casa sejam reais. As alucinações hipnagógicas podem ser tanto visuais como auditivas. Finalmente, nos sonhos, uma sucessão de imagens aparece, ao menos no que se recorda, como uma narração. Na realidade, grande parte da estrutura narrativa adicionamos ao lembrarmos das imagens. Durante o sonho REM (sonho com movimentos rápidos dos olhos que precedem o sono profundo) a atividade neuronal produz aleatoriamente imagens mentais. Como todos sabemos, estas imagens são às vezes estranhas: as imagens transmutam a outras diferentes e experimentamos sensações de voo, de fuga, de queda, junto com emoções concomitantes (2005, p. 125).

A fim de compreender o que Lewis-Williams quer dizer ele traça um esquema. Nele é possível ver como a linha do sono ordinário segue um padrão determinado e único. Em contra partida é possível notar como se dá a cisão entre o estado ordinário de consciência e o ampliado – em uma linha reta abre-se um segundo “braço”, que forma um Y. Este último, no caso, está dividido pelo arqueólogo em três fases distintas em que cada qual possui suas próprias manifestações psíquicas.

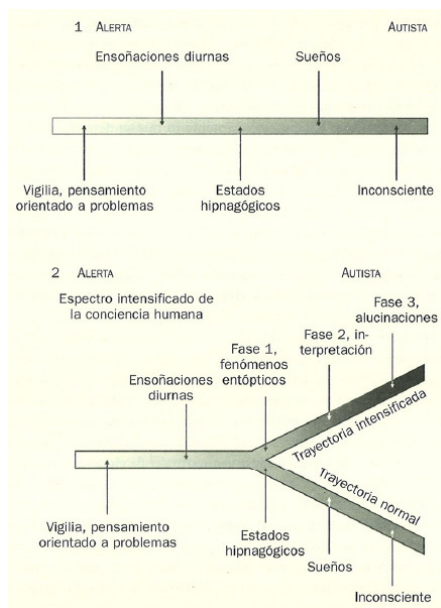


Ilustração 2: Os espectros da consciência.

Fonte: La mente en la caverna: la consciencia e las orígenes del arte, 2005.

O interessante, na abordagem do antropólogo, é que cada uma dessas fases pode surgir aleatoriamente, não necessitando ocorrerem em uma ordem pré-definida (como no esquema) e, ainda, sendo passíveis de irromperem ao consciente quando em estado desperto o que ele chama de “trajetória intensificada”. A capacidade do cérebro em alternar de um estado a outro de consciência é tratada pelo autor como “consciência fragmentada”, partindo das ideias dos neuropsicólogos Charles Laughlin e Eugene G. d’Aquili:

(...) Eles enfatizam que durante o transcurso de um dia passamos repetidamente de estados dirigidos ao exterior para estados dirigidos ao interior. Às vezes prestamos uma atenção total ao nosso entorno; em outras ocasiões nos abstraímos a um estado contemplativo e estamos menos alertas ao que nos rodeia. Isto é simplesmente uma característica inerente a forma pela qual funciona nosso sistema nervoso. Há provas de que em nosso dia de vigília normal, num ciclo que varia de 90 e 120 minutos, vivenciamos a transição de tensão dirigida ao exterior para a interior. Como observei antes, algumas sociedades consideram os estados dirigidos ao interior como patológicos, enquanto outros os percebem como indicadores de uma inspiração divina, enquanto que outras lhe dão pouca atenção. (LEWIS-WILLIAMS, 2005)

Assim, para a mente tomar o rumo pela “trajetória intensificada” há inúmeros métodos. Um deles é o consumo de substâncias psicotrópicas, encontradas em diversas plantas e fungos. Pode ocorrer ainda como sintoma de algum transtorno mental, como esquizofrenia, por exemplo. Outra é através da intensificação extrema de estímulos ou o contrário, a ausência total de estímulos externos, como quando dentro de uma



caverna em escuridão profunda, o que remete imediatamente às pinturas rupestres. O jejum também é uma técnica usada para se alcançar tais estados mentais. Vários profetas, como Cristo e Mohammad, tiveram períodos de jejum seguidos de visões, tanto demoníacas quanto angelicais (SILVA, 2011, p. 70).

Das pinturas rupestres para cá, incontáveis formas de narrativa com imagens surgiram, cada qual imprimindo parte do criador em suas linhas. Com o desenvolvimento da linguagem dos quadrinhos e concomitante crescimento do interesse acadêmico quanto à sintaxe, criação e forma das HQs, já há anos se tem uma boa base bibliográfica para o estudo da linguagem. Dentre esses livros tornam-se indispensáveis autores como Scott McCloud, com *Desvendando os Quadrinhos* (2005), que utiliza da própria mídia para estudar os quadrinhos como fenômeno cultural e criativo. McCloud traça parâmetros úteis para o tipo de análise proposta aqui, como o estado psíquico-emocional das linhas de um desenho; a moldura e construção do tempo (ou a falta dele); além de esquematizar as transições de cenas, estrutura de construção de uma história e tipos de combinação de texto e imagem.

Outro autor é Paulo Ramos, que no livro *A leitura dos Quadrinhos* (2009) faz um trabalho similar a McCloud, mas dando certa profundidade a outros aspectos dos quadrinhos, tais como: os diferentes estilos de desenho; o espaço na linguagem dos quadrinhos; os valores expressivos das letras; e ainda um estudo quanto a carga imagético-conotativa dos quadros que compõem as páginas.

Obras como *Narrativas Gráficas* (2009), de Will Eisner, *Para ler os Quadrinhos: da narrativa cinematográfica a narrativa quadrinizada* (1975), de Moacyr Cirne, e *Os Quadrinhos* (1975), de Antônio Luiz Cagnin, completam a base bibliográfica inicial sobre a linguagem das HQs, sendo que esses livros delimitam com exatidão o objeto de estudos história em quadrinhos. Especificamente quanto à *Arte Visionária*, o principal autor e pesquisador nesse campo no país é o citado Mikosz<sup>2</sup>, que defendeu, em 2009, a tese “*A Arte Visionária e a Ayahuasca: Representações Visuais de espirais e Vórtices Inspiradas nos ENOC*”. Apesar de Mikosz focar na ocorrência comum de formas geométricas nos trabalhos influenciados por *ENOC*, ele faz um rico apanhado

---

<sup>2</sup> Artista visionário multimídia, pesquisador em arte visionária, professor Adjunto da UNESPAR campus EMBAP. Editor da Revista Internacional *Art&Sensorium* e líder do Grupo de Pesquisa Investigações Poéticas em Artes Visuais. Doutor pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH-UFSC) com tese sobre *A Arte Visionária e a Ayahuasca*. Membro do Conselho Jurisdicional da Universidade Rose Croix Internacional (URCI-AMORC). Faz parte da equipe de organização do Research Centre for the Study of Psycointegrator Plants, *Visionary Art and Consciousness (WASIWASKA)*. É associado ao Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos (NEIP). (texto informado pelo autor no Currículo Lattes)



dos principais artistas visionários contemporâneos, além de buscar identificar traços da Arte Visionária ao longo da história da arte. Em 2014 ele publicou o livro *Arte Visionária: Representações visuais inspiradas nos ENOC*, que é um desdobramento e ampliação da tese.

Devido a isso, pode-se entender essa pesquisa como complexa – no sentido trabalhado por Edgar Morin (2011), sendo a complexidade a relação entre diversos campos do saber. Assim, faz-se necessário buscar referencial bibliográfico nas áreas de psicologia, psiquiatria, antropologia, etnobotânica, química e, até mesmo, neurociência, a fim de compreender melhor o modo como o cérebro e a mente funcionam e interagem e como as substâncias psicoativas atuam neles. Alguns autores destacados são: Stanislav Grof (2009); Aldous Huxley (2002); Terence McKenna (2001); J. Earleywine (2005) e John C. Lilly (1974). Todos dedicados a pesquisar os ENOC e suas possibilidades múltiplas para compreensão do ser humano.

No Brasil, há uma obra seminal publicada em 2005, organizada por Beatriz C. Labate e Sandra L. Goulart, chamada *O Uso Ritual das Plantas de Poder*, que trabalha diversas questões sobre o uso de plantas psicoativas por povos tradicionais e no contexto urbano. Da Labate há também o livro *O uso ritual da Ayahuasca* (2002), focado nos aspectos ritualísticos dessa planta, tanto em contexto urbano quanto tradicional<sup>3</sup>. Outra publicação de relevância é *Os alucinógenos e o mundo simbólico* (1973), da antropóloga Vera Penteadó Coelho, trabalho centrado na representação simbólico/artística de comunidades tradicionais (indígenas) que têm o uso ritual de substâncias psicotrópicas como centrais em suas culturas e essenciais para a criação de imagens. *O índio e as plantas alucinógenas* (1983), do antropólogo Sangirard Júnior versa sobre as principais plantas de poder<sup>4</sup> e seus usos tradicionais, como, por exemplo, ayahuasca, cogumelos, cactos, sementes, yopo e tabaco. O interessante dessa literatura é poder compreender os modos de uso de cada uma das plantas elencadas e como elas se inserem no contexto xamânico.

No que se refere às análises dos processos criativos, serão usadas teorias de Stephen Nachmanovitch, violinista, compositor, poeta, professor de artes e psicólogo, que no livro *Ser Criativo* usa sua experiência para delinear a maneira como desenvolver,

---

<sup>3</sup> Usada como poção de cura, em que o pajé e o enfermo ingerem a bebida com o intuito de uma cura tanto física quanto espiritual.

<sup>4</sup> Termo genérico usado para indicar plantas e/ou fungos usados como psicotrópicos dentro de um contexto ritualístico e de cura.





observar e incentivar o próprio processo de criação tendo como foco a improvisação, pois, para o autor a improvisação é “a chave-mestra da criatividade”. (NACHMANOVITCH, 1993, p. 18).

Outro autor é George F. Kneller e seu livro *Arte e Ciência da Criatividade* (1978). O autor ressalta a relação da criatividade como sendo um processo mental e emocional, por isso, para Kneller, é necessário para o indivíduo um certo equilíbrio, além de conhecimento e inteligência, para o desenvolvimento criador. “A criatividade é o poder de reconhecer ideias novas e originais, assim como explorá-las até aos seus limites. A realização criadora requer, então, criatividade e inteligência, conjuntamente.” (KNELLER, 1978, p. 22). De maneira geral o autor esquematiza quatro categorias diferentes que envolvem o ponto de vista de quem cria: temperamento, hábitos, atitudes e valores; e os processos mentais de motivação, percepção, aprendizagem, pensamento, comunicação e as influências ambientais.

A artista plástica Fayga Ostrower, no livro *Criatividade e processos de criação* (1977) trata de processos intuitivos – muito presentes, por exemplo, na produção do quadrinista Gazy Andraus (ANDRAUS, 2010, p. 10) – imagens referenciais, insights, forma e figuração dentre outras. Além de *Acasos e Criação Artística* (1990), da mesma autora, em que ela se dedica a analisar a influência do acaso na realização da obra de arte.

Porém, talvez, de valor singular para esse estudo seja o trabalho da antropóloga Marlene Dobkin de Rios, que resgatou a pesquisa do psiquiatra Oscar Janiger, no livro *LSD, spirituality and creative process* (2003). Janiger, durante as décadas de 1950 e 1960, desenvolveu um trabalho inovador sobre criatividade e sua relação com o LSD. Foram analisados mais de 100 artistas de diversos ramos diferentes, como músicos, pintores, atores, poetas e escritores. Um dos número da revista estadunidense *MAPS – Multidisciplinary Association for Psychedelic Studies* (2000) é dedicado à relação entre os psicodélicos e a criatividade. Nela há diversos artigos, tanto de artistas visionários quanto de psicanalistas e neurocientistas, que discutem como os estados ampliados de consciência podem agir na influência do processo criativo do criador. O já mencionado livro *Chaos, Creativity, and Cosmic Consciousness* (2001), escrito a seis mãos por Rupert Sheldrake, Terrence McKenna, Ralph Abraham, é mais uma referência importante que trabalha as questões investigadas nesse trabalho, com foco na tríade entre xamanismo (McKenna), biologia (Sheldrake) e matemática aplicada à teoria do caos (Abraham).



Para a investigação serão usados ainda artigos e/ou entrevistas dos próprios artistas visionários como Pablo Amaringo, Alexandre Segrégio, L. Caruana, Andrew Gonzales, Mark Henson, Christian Ratsch, Martins Oscity, John Robinson, dentre outros. E mesmo dos quadrinhistas visionários como Sérgio Macedo, Robert Crumb, Moebius, Phillip Druillet, Caza, Alan Moore, Alain Voss, Jim Woodring, Rick Veitch, Xalberto e outros.

### **Arte e ENOC**

Especificamente quanto à criatividade, quem iniciou as pesquisas no campo da arte visionária foi Havelock Ellis, por volta de 1897, período em que a mescalina acabara de ser isolada e sintetizada em laboratório por Arthur Heffter (CARNEIRO, 2005, p. 65). Foi então que Ellis usou mescalina para estudar a criatividade, tendo ministrado esse químico junto a poetas e pintores (CARNEIRO, 2005, p. 65). No Brasil, ao final da década de 1950, foram desenvolvidas pesquisas científicas com LSD, sendo algumas delas voltadas à criatividade (CARNEIRO, 2005, p. 70). Nesse mesmo período, na Argentina, Alberto Fontana passa a usar psicodélicos no tratamento psiquiátrico. Stanislav Grof, na antiga República Tcheco-Eslováquia, também daria início a suas pesquisas. Sem contar o já citado Oscar Janiger, nos Estados Unidos.

No entanto, em 1967, o LSD torna-se ilegal e de uso restrito dos governos, que continuam a estudá-lo secretamente a procurar um modo de desenvolver uma espécie de “lavagem cerebral” (CARNEIRO, 2005). Antes mesmo dessa restrição, os pesquisadores universitários que tinham como foco os psicodélicos já eram perseguidos. É emblemática a expulsão dos professores Timothy Leary e Richard Alpert de Harvard em 1963 por defenderem e pesquisarem o LSD. Para Henrique Carneiro (2005), 1963 marca a entrada na clandestinidade das pesquisas voltadas aos ENOC. Em meio a isso, farmacêuticos, etnobotânicos, antropólogos e biólogos cada vez mais passam a conhecer espécies de plantas ou fungos usados como “Plantas Sagradas” por povos nativos– principalmente das Américas.

Durante quase 30 anos (a partir de 1970) as pesquisas e relatos de uso de substâncias psicotrópicas estavam, em sua maioria, nos campos acima citados, em âmbito psiquiátrico ou voltados às práticas e usos religiosos locais. Somente na virada do século 21 para cá (quando?) é dada maior abertura ao tema. Essa mudança torna-se perceptível com a realização da terceira edição da conferência *Psychedelic Science*, em 2014, ocorrida em Pasadena, na Califórnia, tendo como foco discussões quanto ao uso




da Ayahuasca. No Brasil, ainda são escassas as pesquisas nesse campo – a maioria na área da psiquiatria e antropologia. Na arte, destaque para a mencionada tese de José Eliézer Mikosz, que se transformou em dos principais divulgadores desse tipo de arte no Brasil.

A receptividade da Arte Visionária no meio artístico também não ocorre da forma mais harmônica, sendo, muita das vezes, estigmatizadas como “arte menor” (MIKOSZ, 2006. Como forma de organização e busca por espaço, em julho de 2013, no Brasil, foi realizada a 1ª *Mostra Internacional de Artes Visionárias da Nova Era* com artistas de todo o mundo. Para o evento, realizado em Campinas (SP), foram selecionados trabalhos dos mais diversos ramos das artes, de pinturas a performances. No início de 2013 ocorreu ainda a primeira grande exposição europeia dedicada a obras realizadas sob ou inspiradas nos efeitos de psicoativos, intitulada *Sob Influências – Artistas e Psicotrópicos*, apresentada na galeria *Maison Rouge*, em Paris. Ao todo foram 250 obras de 90 artistas, dentre eles renomados como Jean-Michel Basquiat, Damien Hirst, Francis Picabia, Jean Cocteau, Larry Clark e o brasileiro Hélio Oiticica.

Para o presente trabalho, a questão da pesquisa envolvendo histórias em quadrinhos, arte visionária e psicotrópicos, surge da inquietação provocada por Phillip Druillet. Tal estímulo é detonado ainda durante a elaboração de minha dissertação, quando abordei o meu próprio processo criativo. No caso de Druillet, no início da carreira, em 1975, ele enfrentou uma situação particularmente extrema e dura: sua mulher, Nicole, passou por um tratamento pesado contra o câncer. O resultado dessa luta não foi positivo, levando-a, em não muito tempo, à morte. Durante os cuidados da esposa, Druillet entrou em profunda depressão, vivendo em estado de quase absoluto niilismo. Para extravasar ele passou a criar, dando vida ao álbum *La Nuit* (A Noite), publicado no mesmo ano. O livro, dessa forma, acabou sendo um grito de dor, angústia, indignação e revolta. Na longa citação abaixo o autor expõe esses momentos:

Trabalhei dia e noite, escutando Doors, Stones e Jimi Hendrix, completamente drogado. Escutava ópera também. Por isso em meus álbuns costumo citar minhas influências musicais. Isso é muito importante para mim. Foi um momento muito pesado pois perdi minha primeira mulher, e eu achei que seria meu último álbum, pois era sobre o fim do relacionamento com a pessoa com a qual eu construí essa época da minha vida, e realmente parei por alguns anos.(...) Acho que é meu álbum mais importante (...) Eu estava falando de uma verdade humana, de algo que me é essencial, e eu estava com grande sofrimento, mas transmutei minha dor, como numa alquimia, em algo positivo, uma homenagem a minha mulher perdida. Eu estava em tal estágio de depressão que fiz uma reação violenta. Não era um ódio a morte definitiva. (...) De repente, escrevendo aquilo, me vi preso a realidade do horror. E daquilo tentei fazer algo, sublimar. Fiz esse álbum quase sob



hipnose, eu só trabalhava à noite, acordava no fim da tarde e o fazia. É o pior álbum da minha vida, mas ao mesmo tempo o mais poderoso. Tenho um amor profundo por esse livro já que ele representa a pessoa com quem construí minha primeira vida. Foi com ela que construí minha vida, meu começo, eu devia isso a ela. Foi como uma missão e eu fiz isso do meu jeito. Fiz ele como um réquiem moderno (DRUILLET,2008, s/p).

*Réquiem* que pode muito bem ser observado na obra – e justifica a longa citação. Além da dedicatória à falecida esposa, ao início do livro, Druillet incluiu ao longo das páginas fotos de Nicole. No começo da trama de *La Nuit* ela quase não aparece, mas ao se aproximar do fim (tanto da história quanto da vida dela), o autor foi cada vez mais incluindo-a na composição, até chegar ao ponto de destacá-la na página. O que, aliado ao relato acima realçado, torna nítida a carga sentimental, o envolvimento e até mesmo a necessidade com que a obra de arte se faz presente na vida do artista.

Salles (2009, p. 36) diria que *La Nuit* surgiu da urgência de organização físico/mental naquele momento conturbado vivido pelo autor. Já a psicóloga Maria Helena Novaes (1972) destacaria a força terapêutica da arte ao dizer que

as atividades criadoras favorecem a incorporação harmoniosa de novas descobertas perceptivas, de experiências emocionais diferentes e de disciplina interna (...) o indivíduo tem a oportunidade de canalizar tensões, conflitos, sentimentos de frustração, de insatisfação ou de minusvalia [sic] (1972, p. 106).

Aliado ao uso de psicotrópicos, Druillet então conseguiu expressar o que lhe vinha na alma, naquele momento negro específico de sua vida. De certa forma, os psicodélicos proporcionaram a ele um vislumbre de seu estado mental interno possibilitando a ela, literalmente, ver-se para então criar.

Com o desenvolvimento dos trabalhos artísticos, naturalmente o conjunto dessas obras dá corpo ao “projeto poético” de Druillet, como indica Salles (2009, p.135). Esse projeto, no caso, surge tanto consciente quanto inconscientemente a partir da interação entre a ética e o sentido estético do autor. “Estabelecendo uma relação entre esses dois aspectos, o percurso criador, ao gerar uma compreensão maior do projeto, leva o artista a um conhecimento de si mesmo” (SALLES, 2009, p. 135). É o que Druillet fez, como destacado, em *La Nuit*.

No contexto brasileiro, influenciados pelos ventos hippies da década de 1960, alguns autores resolveram experimentar. Destaque para Sérgio Macedo, Alain Voss e Xalberto – os dois primeiros foram para a Europa na década de 1970, dando continuidade aos seus trabalhos lisérgicos. Na década de 1980 autores como Angeli,



Glauco, e, em certa medida, Laerte, também foram influenciados pelo psicodelismo – apesar desse aspecto se apresentar de forma distinta nas obras deles. Atualmente trabalhos em quadrinhos determinadamente visionários são pouco conhecidos. Destaque para Alan Moore, Jim Woodring e Rick Veitch. O primeiro deles chegou a ser ativista pró-LSD. O segundo sofreu de uma condição rara na infância que lhe causava alucinações espontâneas. Após o fim das crises, passou a usar plantas de poder para ter visões – que são retratadas em ilustrações ou cenas de HQs. O terceiro tem um prolífico trabalho voltado à quadrinhização de sonhos. No início Veitch se limitava a retratar seus próprios sonhos, depois passou a aceitar relatos dos leitores. Apesar de nem todas as histórias poderem ser consideradas como visionárias (por serem sonhos comuns), parte delas pode, sim, ser enquadradas como tal.



Ilustração 3: Detalhe de página da HQ  
O Mundo Alucinante dos Hippies, de Xalberto, 1969.

Durante a pesquisa no mestrado sobre processos criativos em quadrinhos poéticos, realizei uma história influenciada por ENOC, podendo ser classificada como uma HQ visionária. Produzi ainda outras histórias realizadas com base em sonhos lúcidos, como *Som das Águas* (2013) e *Pela Estrada Afora* (2013). O quadrinista Edgar Franco publicou, na edição # 7 da revista *Artlectos e Pós-Humanos*, a história *Integral*, fruto de ENOC, e que também pode ser vista como Arte Visionária.

Dentro desse contexto, considero relevante a investigação dos processos criativos envolvidos na realização de histórias em quadrinhos (o objeto principal da pesquisa) sob influência de Estados Não Ordinários de Consciência. Na literatura acadêmica de Arte e Comunicação, que possuem como escopo os quadrinhos,



praticamente não há pesquisas voltadas a esse tópico: Arte Visionária / Quadrinhos / ENOC, configurando-se, portanto, em um campo pouco explorado. Até mesmo na área das Artes, como frisado anteriormente, a pesquisa e abordagem de tema tão delicado é restrita e limitada. A proposta, então, para essa investigação, visa contribuir para futuras pesquisas que partam dos estudos sobre ENOC, criatividade, histórias em quadrinhos e arte.

A produção poética desenvolvida como parte dessa pesquisa partirá da criação de histórias em quadrinhos de modo individual, com roteiro e/ou desenhos e em conjunto com autores convidados como Fábio Cobiaco, o próprio Mikosz, Laudo, Rosemário Souza, Lad's Art e outros ainda por serem definidos – desde que já sejam psiconautas<sup>5</sup> ou praticantes do xamanismo.

### **Metodologia**

Para a realização da proposta serão utilizadas distintas ferramentas metodológicas, como por exemplo: entrevistas não-diretivas individuais com os parceiros desenhistas e criação conjunta e individual. Por outro lado, o conceito de auto-etnografia, talvez, seja a base teórica mais relevante para o desenvolvimento metodológico da pesquisa. A auto-etnografia é uma metodologia surgida na antropologia (SILVA, 2011, p. 4). Ela se caracteriza pela inserção do pesquisador no campo pesquisado e suas análises posteriores através dos olhos de quem vivenciou determinada experiência.

Nós vemos como esta postura epistemológica [da auto-etnografia] pode ser conveniente a um grande número de praticantes pesquisadores que garantem sua unidade investigando sua própria prática artística. A auto-etnografia (próxima da autobiografia, dos relatos sobre si, das histórias de vida, dos relatos anedóticos) se caracteriza por uma escrita do “eu” que permite o ir e vir entre a experiência pessoal e as dimensões culturais a fim de colocar em ressonância a parte interior e mais sensível de si. (MELLO, 2010, p. 83)

Ou seja, a partir da prática da auto-etnografia a ideia é vivenciar determinada realidade – as práticas xamânicas – e delas extrair a vivência a ser empregada na criação artística. Tais vivências podem ser entendidas como as imagens surgidas nos transe durante os rituais. Lewis-Williams (2005), ao abordar a função do xamãs na pré-história, diz que estes, na verdade, seriam “buscadores de imagens”. Para o antropólogo, os xamãs adentrariam as entranhas da terra ao penetrarem centenas de metros no

---

<sup>5</sup> Termo usado para pessoas que fazem uso de psicodélicos sem necessariamente terem ligação com xamanismo.




interior das cavernas com o intuito de “buscarem imagens”, que seriam então retidas nas paredes de pedra. Algo semelhante proposto por mim, ao me inserir no contexto dos rituais xamânicos. O intento da investigação é retomar este aspecto primitivo na criação imagética ao me tornar também um “buscador de imagens”. Porém, utilizando-as para a criação de histórias em quadrinhos.

No artigo *Contribuições possíveis da etnografia e da auto-etnografia para pesquisa na prática artística*, de Sylvie Fortin, com tradução de Helena M. Mello (2010), a autora discute como utilizar a auto-etnografia para construção de teses na área artística. Mais ainda. Ela reforça a importância desse tipo de pesquisa e como o viés da auto-etnografia pode ser enriquecedor para se compreender melhor o fazer artístico – principalmente para pesquisas com base no prático (poética) e no teórico.

Jean Lancri e Pierre Gosselin destacam pertinentemente que o trabalho de criação artística e o da pesquisa teórica têm uma ligação com processos cognitivos diferentes. O trabalho de criação artística fará intervir de maneira vantajosa os processos subjetivos experimentais enquanto que o trabalho de pesquisa solicitaria, de maneira vantajosa, os processos objetivos conceituais. (...) Para isso, é necessário admitir que a racionalidade como o imaginário, o conceitual como o sensível, a razão como o sonho (para citar dados de Jean Lancri) podem e devem ser objeto de uma preocupação concreta de informações. Os dados sobre estes diferentes processos podem ser recolhidos por meios, aos mesmo tempo, sensíveis e rigorosos. (MELLO, 2010, p. 85)

O meio sensível mencionado pela autora se refere justamente ao vivenciado pelo pesquisador-artista durante o trabalho de campo. No meu caso, em meio aos rituais xamânicos. Serão neles que a ampliação de consciência se dará, geralmente após a ingestão de alguma medicina tradicional indígena que contém alcalóides com propriedades psicodélicas. As principais plantas e/ou substâncias e métodos são: ayahuasca, rapé (Tabaco ou Angico Branco), cogumelo *Psilocybe cubensis*, sementes de *Argyreia nervosa* e respiração Holotrófica. Todas as medicações (plantas ritualísticas) usadas para este propósito são legais perante a ANVISA.

Esse é o caso das HQs visionárias e da própria Arte Visionária em si. Elas se enquadram no aspecto de obscuridade. Fora os poucos artigos desenvolvidos pelos próprios autores durante o início da última década, destaque apenas à tese de Mikosz, que de certa forma, mapeia o gênero – seja no Brasil ou no exterior, visto que esse estilo de arte é escasso. Ao pensar nas vastas possibilidades abertas, justamente pela falta de estudos realizados quanto ao tema, e grande gama de caminhos a serem tomados pela pesquisa, outro ponto a ser levado em consideração para conduzir o estudo são



os métodos propostos pela pesquisa exploratória. Outro aspecto fundamental para a metodologia da pesquisa são os rituais. Uma vez que os processos criativos podem ser encarado como uma espécie de ritual (KNELLER, 1978) e as práticas xamânicas se darem em meio a rituais, torna-se relevante entender o quão importante este momento pode ser para a criação. Para tanto, serão estudados alguns rituais indígenas tradicionais, que tenham em seu bojo o uso de plantas de poder, para a partir deles aprender e poder replicá-los – mesmo que de maneira adaptada – para o processo de criativo das HQs. Tais rituais poderão ser feitos tanto individualmente quanto coletivamente, em rodas xamânicas preparadas com exclusividade para a pesquisa, ou não.

### Referências Bibliográficas

ANDRAUS, Gazy. Deinmos (Dinomem – Ex-planação). Camiño di Rato, Uberlândia, n. 3, p. 10, 2010.

CARUANA, Lawrence. First draft of a manifesto of visionary art. Paris: Recluse Pub, 2001.

CARNEIRO, Henrique. A odisséria psiconáutica: A história de um século e meio de pesquisas sobre plantas e substâncias psicoativas. In: LABATE, Beatriz Caiuby; GOULART, Sandra Lucia (Orgs). O uso ritual das Plantas de Poder. São Paulo: FAPESP/Mercado das Letras, p. 57-82, 2005.

COELHO, Vera Penteadó. Os alucinógenos e o mundo simbólico. São Paulo: E.P.U EDUSP, 1976.

DOMINGUES, D. (Org.) Arte e vida no século XXI: tecnologia, ciência e criatividade. São Paulo: Editora da UNESP, 2003. p. 273-283.

DOBKIN DE RIOS, Marlene. LSD, spirituality and creative process. Vermont: Park Street Press, 2003.

DEVEREUX, Paul. The long trip a prehistory of psychedelia. Brisbane: Daily Grail Publishing, 2008.

DRUILLET, Phillipe. La Nuit. Paris: Les Humanoids Associes, 1981.

DRUILLET, Phillipe. O passado, Presente e Futuro de Druillet. [19 de maio, 2008]. São Paulo: + SOMA. Entrevista concedida a Joaquim Ghirotti.

EARLEYWINE, J. Mind-Altering Drugs: The Science of Subjective Experience. Oxford: Oxford University Press, 2005.





FERREIRA, Pedro Peixoto. Os xamãs e as máquinas: sobre algumas técnicas contemporâneas do êxtase. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/187852469/O-Xamanismo-e-as-Tecnicas-Arcaicas-Do-Extase-Eliade-Revisitado> - Acessado em 30/06/2014.

FERREIRA, Pedro Peixoto. **O Xamanismo e as Técnicas Arcaicas do Êxtase:** Eliade revisitado. Disponível em [www.alegrar.com.br/02/02pedro.pdf](http://www.alegrar.com.br/02/02pedro.pdf) - Acessado em 30/06/2014.

GRAU, Oliver. **Arte virtual:** da ilusão à imersão. São Paulo, Editora Unesp: 2007 .

GROF, Stanislav. **LSD doorway to the numinous:** the groundbreaking psychedelic research into realms of the human unconscious. Vermont: Park Street Press, 2009.

HOUSTON, Jean (Org). **Chaos, creativity and cosmic consciousness.** Vermont: Park Street Press, 2001.

HUXLEY, Aldous. **Moksha.** Porto Alegre: Globo. 1983.

HUXLEY, Aldous. **As portas da percepção:** Céu e inferno. São Paulo: Globo, 2002.

JUNIOR, Sangirard. **O índio e as plantas alucinógenas.** Rio de Janeiro, ed. Alhambra. 1983.

KNELLER, George Frederick. **Arte e ciência da criatividade.** São Paulo: IBRASA, 1978.

LABATE, Beatriz Caiuby; GOULART, Sandra Lucia (Orgs). O uso ritual das Plantas de Poder. São Paulo: FAPESP/Mercado das Letras, 2005.

LABATE, Beatriz Caiuby. **O uso ritual da Ayahuasca.** São Paulo: Mercado de Letras. 2002.

LEWIS-WILLIAMS, J. D. **La mente en la caverna:** la consciencia e las orígenes del arte. Madrid: Akal Editor, 2005.

LEWIS-WILLIAMS, David; CLOTTES, Jean. **Los chamanes de la prehistoria.** Barcelona: Ariel Prehistoria, 2009.

LILLY, Jhon C. **The Deep Self.** New York: Human Behavior, 1974.

MAGALHÃES, Sônia Campos. Cinema, sonho e psicanálise. In: PINTO, Graziela Costa (Org). **Coleção memória da psicanálise – Diálogos e Fronteiras:** A psicanálise e outros campos. São Paulo: Duetto Editorial, p. 56-63, 2009.

MANDALA: **A experiência alucinógena.** Rio de Janeiro; Ed. Civilização Brasileira. 1972.

MCCLLOUD, Scott. **Desvendando os Quadrinhos.** São Paulo: M.Books do Brasil Editora Ltda, 2005.

MAY, Rollo. **A coragem de criar.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

ISSN 2316-6479 | DE JESUS, S. (Org). Anais do VIII Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual: arquivos, memórias, afetos . Goiânia, GO: UFG/ Núcleo Editorial FAV, 2015.



MELLO, H. M. ; Helena Maria Mello. **Contribuições possíveis da etnografia e da auto-etnografia para a pesquisa na prática artística**, 2010. (Tradução/Artigo)

MIKOSZ, José Eliézer. **A Arte Visionária e a Ayahuasca**: Representações Visuais de Esperais e Vórtices Inspiradas nos Estados Não Ordinários de Consciência (ENOC). 2009. 291 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

MIKOSZ, José Eliézer. **Arte Visionária**: A Arte de Retratar Visões. Disponível em: <http://www.artevisionaria.com.br/conceito.htm>. Acessado em: 01 Julho de 2013.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

NACHMANOVITCH, Stephen. **Ser criativo – o poder da improvisação na vida e na arte**. São Paulo: Summus, 1993.

NARBY, Jeremy. **The Cosmic Serpent DNA and The Origins of Knowledge**. USA: Reprint edition, 1999.

NOVAES, Maria Helena. **Psicologia da Criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1972.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1977.

OSTROWER, Fayga. **Acasos na criação artística**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

RAUPP, Fabiano Maury; BEUREN, Ilse Maria. Metodologia da pesquisa aplicável às Ciências Sociais. In: BEUREN, Ilse Maria. (Org.). **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade**: teoria e prática. São Paulo, 2003, v. 1, p. 76-97.

SALLES, Cecilia Almeida. **Gesto Inacabado**: processo de criação artística. São Paulo: FAPESP: Annablume, 2009.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Wilton C. L. . **Eu, eu e eu mesmo: antropólogos, literatos e historiadores escrevendo sobre si**. In: XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais, 2011, Salvador. Anais do XV Congresso Brasileiro de Sociologia, realizado em Curitiba-PR, de 26 a 29 de julho de 2011. Salvador: UFBA, 2011.

SILVA, M. M. Islamismo. **História das Religiões**, São Paulo, p. 69 - 77, 01 dez. 2011.

SHULGIN, Alexander 'Sasha'; SHULGIN, Ann. **PiHKAL (Phenethylamines I Have Known And Loved)**: A Chemical Love Story. USA: Transform Press, 1991.

THYSSEN, Sylvia (Org.). **Multidisciplinary Association for Psychedelic Studies (MAPS): PSYCHEDELICS & CREATIVITY**. Sarasota: MAPS, 2000, Vol. 10, No. 3.

ISSN 2316-6479 | DE JESUS, S. (Org). Anais do VIII Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual: arquivos, memórias, afetos . Goiânia, GO: UFG/ Núcleo Editorial FAV, 2015.



WAHBA, Liliana Liviano. Criatividade, inspiração, possessão e arte. In: PINTO, Graziela Costa (Org). **Coleção memória da psicanálise – Carl Gustav Jung**.

---

#### **Minicurrículo**

*Matheus* é mestre em Arte e Cultura Visual (PPGACV-FAV/UFG) com pesquisa sobre processos criativos em quadrinhos poético-filosóficos. Atualmente é doutorando, também em Arte e Cultura Visual, com pesquisa voltada aos quadrinhos que possuem intersecção com a Arte Visionária. Sendo ainda fanzineiro, editor e roteirista de quadrinhos.